



# A INFLUÊNCIA DA PERTENÇA GRUPAL NO TRATAMENTO DE INFORMAÇÃO SOCIAL

**A Pertença Ideológica na avaliação e processamento de informação sobre o 25 de Abril**

**Sónia Dantas**

A comunicação a que chamei “A influência da pertença grupal no tratamento de informação social” (especificamente concretizada como influência da pertença ideológica no processamento e avaliação de informação sobre o 25 de Abril) assenta na aceitação de que a dimensão política da identidade dos indivíduos tem um papel significativo (determinante?) na forma como, por um lado, estes analisam e interpretam o mundo social, permitindo-lhes estabelecer significações para a informação política a que têm acesso e na sua avaliação. Acrescento, por outro lado, o posicionarem-se a si próprios, aos grupos sociais e políticos em que estão inseridos e aos outros indivíduos e grupos sociais e políticos face a essa mesma dimensão. Concorrem, para esta aceitação vários conceitos e modelos teóricos situados quer na área da Cognição Social, quer na área da Teoria da Identidade Social.

De facto, a política, entendida enquanto dimensão da vida social, condiciona a forma como os indivíduos categorizam e organizam o mundo, dado que o processo de categorização social não existe independente da inserção social dos indivíduos, do processo de socialização a que foram e são sujeitos, da significância valorativa e emocional que a pertença a determinados grupos sociais tem para os sujeitos na construção da sua identidade.

A opção de recorrer a estas duas áreas teóricas resulta de que ao estudar aspectos relativos à construção dum significado para o mundo social pelos sujeitos, - mais especificamente a forma como estes processam a informação política a que têm acesso - pretendo enquadrar essa análise numa perspectiva que tem em conta a dinâmica social como condicionante, (do ponto de vista histórico-social e também contextual), da forma como os indivíduos analisam, interpretam e se posicionam face ao mundo social.

Assim, em contextos nos quais os indivíduos se auto-categorizam enquanto membros de um dado grupo político, são accionados os seus estereótipos políticos, favorecendo, deste modo, um processamento da informação política que garanta a preservação da auto-estima e da identidade social positiva do sujeito. E ainda, quanto mais os indivíduos se auto-categorizam de forma clara em relação à dimensão política da sua identidade social, maior é a relevância do seu esquema político para a leitura que fazem da realidade política.

De facto, se a existência dum esquema político mais ou menos complexo permite ao sujeito construir uma matriz interpretativa da realidade política, a sua construção é afectada pela importância que a dimensão política da identidade social tem para o sujeito, condicionando a forma como a informação política é processada.

O modelo proposto por Fiske e Kinder (1981) para o processamento da informação política defende que a forma como os indivíduos processam a informação política a que têm acesso está dependente da existência de esquemas políticos, os quais se formam através da experiência social dos indivíduos.

De acordo com este modelo, a experiência dos sujeitos (leigos, iniciados, peritos) no tratamento de informação política contribui para a existência de esquemas políticos mais complexos.

Judd e Krosnick (1989) propõem um modelo de organização da memória política na qual princípios ideológicos, políticas concretas, grupos políticos de referência e posições políticas individuais estão relacionados entre si de acordo com regras específicas, as quais estabelecem a força relativa dessas relações.

Bar-Tal, Raviv e Freund (1994) confirmam a existência duma estrutura cognitiva, composta por um sistema de crenças relacionadas entre si, e que formam uma orientação política coerente. Afirmam, no entanto, que esse esquema político varia quanto à importância e ao grau de confiança que os sujeitos lhes atribuem na justificção e suporte das suas posições socio-políticas.

Por seu turno, Iyengar e Ottati (1994) referem que no caso do processamento de informação política, esse processamento é feito mais em termos da sua relevância para o grupo social do indivíduo e não tanto numa perspectiva individualista, ou seja, os sujeitos activam a sua pertença político-ideológica a determinados grupos políticos como matriz interpretativa da informação política a que têm acesso.

Já relativamente ao processo de reconhecimento de informação social, Hastie (1980) defende que o resgate de informação inconsistente depende de um maior investimento cognitivo dos sujeitos no tratamento da informação.

Por seu turno, Stern, Marrs, Millar e Cole (1984) afirmam que quando a informação diz respeito a grupos ou eventos existe uma vantagem para a informação consistente durante as tarefas de reconhecimento ou resgate da memória.

Numa revisão da literatura sobre memória para informação consistente vs. informação inconsistente, Stangor e McMillan (1992) concluem que a informação consistente é mais recordada quando o resgate da memória é feito utilizando estereótipos (isto é, esquemas cognitivos com significado para os sujeitos) e defendem que existem mais falsos reconhecimentos de informação consistente, dado que as inferências são realizadas de acordo com o quadro de leitura dos sujeitos, isto é, dos seus estereótipos sociais.

Relativamente à avaliação de informação, Hastie e Park (1986) referem que ela é efectuada tendo em conta os esquemas cognitivos dos sujeitos, e não terá uma correlação substancial com o reconhecimento dessa mesma informação.

Por outro lado, Gaffié, Marchand e Cassagne (1997) afirmam que a pertença ideológica dos indivíduos condiciona a forma como estes organizam e analisam a realidade socio-política, nomeadamente nas estratégias de avaliação de grupos políticos.

De sublinhar, no entanto, como referem Bless e Schwartz (1998), que a avaliação da informação política é afectada pelo contexto em que essa avaliação é efectuada

Temos, assim, a pertença ideológica, (expressa ou não numa pertença partidária dos sujeitos) como forma de inserção em grupos sociais e como matriz explicativa e justificativa da ordem social, em um tempo histórico e socialmente determinado.

Por seu turno, a pertença partidária, de acordo com Evans (1993), será a expressão da dimensão ideológica da identidade social dos sujeitos, que depende de factores de ordem socio-estruturais (como a pertença de classe) e de ordem psicológica (como a percepção de influência política).

Assim, já que pretendo compreender o modo como a pertença ideológica dos indivíduos influencia o tratamento de informação sobre o 25 de Abril, nomeadamente nos processos de reconhecimento e de avaliação de informação sobre esse evento político, os conceitos e estudos agora apresentados foram accionados como matriz referencial quer na construção das hipóteses de trabalho do meu estudo empírico quer como grelha interpretativa dos seus resultados, como veremos.

Passo então a apresentar o estudo empírico por mim efectuado:

O objectivo do meu estudo é conhecer o modo como a dimensão política da identidade social influencia o tratamento da informação política, especificamente sobre o 25 de Abril.

Deste modo procurei conhecer o modo como a dimensão política da identidade social influencia o processamento de informação política, analisar a existência e importância dos esquemas políticos sobre o 25 de Abril, avaliar em que medida esses esquemas políticos tem expressão ao nível da categorização baseada em partidos políticos, conhecer o modo como se organizam as categorias direita e esquerda da dimensão política e relacionar aspectos da dimensão política da identidade social (operacionalizada numa variável *Pertença Ideológica*) com o processamento de informação política através da avaliação e reconhecimento de informação sobre o 25 de Abril

## ESTUDO 1

No meu estudo 1 procurei:

- 1) Analisar a existência da dimensão política, enquanto estrutura real de conhecimento, organizada num eixo direita/esquerda, cuja visibilidade se traduz na possibilidade de os participantes construírem significações várias para diferentes textos políticos sobre o 25 de Abril e
- 2) Caracterizar os atributos de esquerda e de direita

### Plano e participantes.

Os participantes deste estudo, tal como do estudo 2, não viveram o 25 de Abril, pelo que a sua percepção sobre o evento decorre da memória social que construíram por referência aos seus grupos de pertença socio-política.

Como pedi aos participantes para analisarem 4 textos sobre o 25 de Abril, este plano experimental permitiu-me controlar o efeito da ordem de apresentação dos mesmos, tendo em vista a escolha dos textos mais discriminativos entre si para posterior utilização no estudo 2.

### Procedimento

Para a construção dos textos pedi a 2 pessoas (um do PCP e outro do CDS/PP) que escrevessem, cada um, 2 textos sobre o 25 de Abril:

- um dos textos deveria ser a sua opinião sobre o 25 de Abril e o outro deveria ser aquilo que eles achavam que um pessoa de com um posição política oposta escreveria.

Depois de ter procedido à homogeneização e validação dos textos e à sua diferenciação quanto ao conteúdo através da técnica de reflexão falada (com 6 sujeitos retirados do universo populacional da amostra) fiquei com:

- texto 1 e 2 - visão de esquerda do 25 de Abril
- texto 3 e 4 -visão de direita do 25 de Abril

Depois de lerem cada texto (a ordem variava de acordo com a condição experimental, como já disse) era pedido aos participantes para:

1) Fazerem escolhas do partido político do autor entre os 4 partidos políticos considerados (cds/pp; psd; ps; pcp; outro)

2) Definirem os campos semânticos de "esquerda" e "direita" através das 2 questões seguintes:

a) "Quais são, para si, as palavras, conceitos, atitudes, etc, que melhor caracterizam a esquerda?"

b) "Quais são, para si, as palavras, conceitos, atitudes, etc, que melhor caracterizam a direita?"

### Resultados

Da análise dos resultados deste estudo salienta:

#### atribuições de autoria aos textos

existem diferenças significativas nas atribuições em função dos partidos políticos para cada 1 dos 4 textos.

Numa análise mais aprofundada destes gráficos verifica-se que

- o texto 2 e o texto 3 apresentam um padrão de respostas confuso e contraditório, tendo em conta a tendência ideológica que presidiu à sua construção. Estes resultados podem ser explicados pela ambiguidade ou pouco poder discriminativos dos textos (foram os textos escritos na "pele" do outro, isto é, o texto 2 sendo de esquerda foi escrito por uma pessoa de direita e o texto 3 vice-versa...)

- nos textos 1 e 4 os participantes são capazes de fazer atribuições de autoria consistentes com a tendência ideológica dos textos.

como pretendia ainda escolher 2 textos (um de esquerda e um de direita) que servissem de material-estímulo para o meu estudo 2 fiz uma análise de frequências inter-textos.

Da análise dos resultados, verifica-se que apenas o texto 1 e 4, quando comparados entre si, confirmam o esperado, isto é, são significativamente diferentes entre si, sendo estes os textos que eu escolhi para o estudo 2.

### Campos semânticos de esquerda e direita

Depois de ter reduzido as respostas dos participantes às perguntas sobre os atributos da esquerda e direita a categorias semânticas, ordenei-as para cada um dos campos semânticos (direita/esquerda) e efectuei uma análise factorial de correspondências.

Encontrei uma oposição nítida entre esquerda e direita, em função do segundo factor de análise:

Da análise efectuada, pode-se considerar que os atributos que definem direita e esquerda podem ser agrupados em três grupos distintos em função das respostas dos participantes:

1) «a esquerda dos ideais», dado que a definição de esquerda e direita se prende mais com conceitos abstractos (caracterizam direita como fascismo, repressão e caracterizam esquerda como democracia, liberdade, mudança, emancipação)

2) «esquerda da acção e luta política» dado que utiliza conceitos mais concretos na sua definição de esquerda e direita (a direita é caracterizada como economia de mercado, capitalismo, privatizações, democracia, a esquerda é caracterizada como Alentejo, intervenção, luta, povo, igualdade, operário)

3) «centro ou centro-direita» como grupo não muito marcado ideologicamente, dado que à direita aparecem associados conceitos genéricos e positivos e a esquerda é sobretudo definida pela negação de características (a direita é caracterizada como Portugal e liberdade, e pela negação dado que não é repressão, fascismo, capitalismo e privatizações enquanto que a esquerda é apenas caracterizada pela negação dado que não é liberdade, democracia, estabilidade, povo e igualdade)

Particularmente interessante é a análise da palavra liberdade. No grupo do «centro ou centro-direita», aparece simultaneamente como um atributo de direita e como definidora (pela negação) da esquerda.

No caso da palavra democracia, também se torna interessante analisar a possível diferença conotativa em função do contexto. Assim, para a «esquerda da acção e luta política», esta surge associada a características da direita, podendo significar

democracia burguesa ( uma visão mais extremada de esquerda) e no caso da «esquerda dos ideais» esta surge associada à esquerda, juntamente com liberdade, mudança, emancipação. Para o «centro ou centro-direita» a esquerda não é democrática , o que tanto pode ser entendido como uma posição mais de direita (a esquerda não democrática) como uma assunção deste valor como independente da área ideológica.

[Na leitura destes resultados é de considerar a possibilidade dos participantes terem construído diferentes campos semânticos de direita e esquerda em função da sua própria pertença política (a própria formulação da pergunta "o que é para si..." remete para uma implicação do sujeito), podendo assim explicar-se a existência de três grupos distintos que correspondem a diferentes áreas ideológicas/políticas dentro da dimensão direita/esquerda. Sendo assim, a esquerda apresenta-se mais marcada ideologicamente, subdividida em duas áreas, enquanto a direita aparece de forma mais difusa, cobrindo um espectro mais alargado da dimensão política. No entanto, como não estava nos objectivos deste estudo não tenho dados sobre a pertença ideológica dos participantes...]

## ESTUDO 2

Neste estudo procurei:

- 1) analisar a relação entre a Pertença Ideológica dos participantes e o processamento de informação política sobre o 25 de Abril
- 2) analisar a forma como essa relação é moderada por diferentes factores como a avaliação dessa informação e a avaliação do 25 de Abril, que constitui o conteúdo da informação.

### Plano e Participantes

As medidas da Pertença Ideológica foram 2: as respostas à questão "qual dos seguintes partidos políticos está mais próximo do que representa o seu ponto de vista?" e as respostas a itens de valores, que num estudo piloto antes efectuado tinham sido significativamente correlacionados com a pertença ideológica.

Nas respostas à identificação com os partidos políticos 39 participantes foram codificados como apartidários e os restantes divididos em esquerda (PCP, PS e PSR) e direita (PSD, CDS/PP).



Como os itens não se mostraram discriminativos para esta amostra, "deixei cair" os participantes apolidários.

Dos restantes participantes, nem todos foram capazes de categorizar bem os textos de acordo com a sua tendéncia ideológica. Por isso deixei também de lado esses participantes, ficando com estes (apontar para o acetato)

### Procedimento

Foram construídos 2 cadernos com várias tarefas distintas:

#### 1º CADERNO

- a) conjunto de 10 itens de valores
- b) pertença partidária
- c) dados de identificação (sexo, idade, profissão)
- d) dois textos sobre o 25 de Abril
- e) questionário de avaliação dos textos (10 dimensões bipolares)
- f) questionário sobre o acontecimento político do 25 de Abril

#### 2º CADERNO

- a) tarefa de avaliação de 20 frases
- b) tarefa de reconhecimento das mesmas 20 frases

Na construção das 10 frases "falsas" utilizámos os atributos que os participantes do Estudo 1 consideraram como caracterizadores da direita ou da esquerda, quando definiram os respectivos campos semânticos.

Como medidas dependentes foram utilizadas na avaliação dos textos as escolhas dos participantes nas 10 dimensões bipolares apresentadas, na avaliação do 25 de Abril, as escolhas dos participantes nas 5 dimensões bipolares do questionário sobre o 25 de Abril, bem como as suas escolhas às outras 3 questões desse questionário (visão do papel desempenhado pelos partidos políticos, conhecimento sobre o evento e participação nas comemorações).

Utilizámos ainda como medidas dependentes de *juízo avaliativo* as escolhas dos participantes na tarefa de avaliação das frases.

Assim, criámos 4 *medidas de avaliação das frases*: FTE (frases do texto de esquerda); FTD (frases do texto de direita); FNTE (frases de esquerda não pertencentes aos textos) e FNTD (frases de direita não pertencentes aos textos).

Utilizámos como medidas dependentes das *distorções* no processamento da informação política as respostas dos participantes aos itens da tarefa de reconhecimento.

Por outro lado, criámos também uma medida de *Tendência Ideológica das Frases*: FE (frases de esquerda) e FD (frases de direita).

Além disso, criámos uma medida de *Consistência* (soma de EITE e DITD) e uma de *Inconsistência* (soma de EITD e DITE), que nos permitem analisar os erros de inclusão de frases ideologicamente semelhantes aos textos ou ideologicamente distintas destes, respectivamente.

Por outro lado a medida da *Tendência Ideológica das Frases* permite-nos analisar os erros de inclusão em função do tipo de frases apresentadas.

Na avaliação das frases e nas *distorções* das várias medidas criadas importa salientar a *tendência ideológica* das frases e as medidas de *consistência* e *inconsistência* para os erros de inclusão.

### Hipóteses

São 3 as hipóteses que eu pretendo testar neste estudo 2

#### **hipótese 1**

Os participantes de esquerda deverão avaliar mais positivamente a informação de esquerda e mais negativamente a informação de direita e os participantes de direita deverão ter os resultados inversos (efeito da identidade social positiva)

#### **hipótese 2**

Os participantes deverão cometer mais falsos reconhecimentos de frases consistentes com os seus esquemas políticos do que de frases inconsistentes

O número de erros de inclusão de frase de *tendência ideológica* idêntica ao texto será maior no caso do texto que representa a *pertença ideológica* do participante

#### **hipótese 3**

Os participantes que avaliam as frases antes da tarefa de reconhecimento deverão cometer mais distorções do que os participantes que executam em primeiro lugar a tarefa de reconhecimento

### Resultados

Da análise dos resultados deste estudo salienta-se:

Na análise do efeito da pertença ideológica na avaliação dos textos verifica-se que os participantes de esquerda têm um padrão de resposta de acordo com o esperado, mas os participantes de direita não. Estes avaliam o texto de esquerda de forma significativamente mais positiva do que o texto de direita.

Sabendo que só no caso do texto de direita é que se verificou um efeito significativo da interacção entre a pertença ideológica e as dimensões avaliativas dos textos, posso considerar que provavelmente o texto de esquerda não é tão claramente de esquerda como o pretendido, pese embora os participantes do estudo 1 o terem identificado como tal.

Na análise do efeito da pertença ideológica na avaliação do 25 de Abril verifica-se que os participantes de direita avaliam mais negativamente o 25 de Abril, comemoram-no menos e tem uma visão menos clara do papel dos partidos do que os participantes de esquerda.

Estas diferenças podem indicar uma apropriação deste evento político pela esquerda, mas o facto é que ambos os grupos fazem avaliações extremamente positivas (sempre superiores a 6, numa escala que varia entre 1 e 7).

Possivelmente, o facto dos nossos participantes partilharem uma visão relativamente consensual em relação ao 25 de Abril esbateu as diferenças encontradas, tornando a confirmação das nossas hipóteses mais difícil.

No entanto, convém referir que relativamente ao 25 de Abril, os participantes de esquerda apresentam um maior envolvimento político (ao nível da comemoração e conhecimento), o que se traduz mais capacidade para lidar com a informação e uma visão mais estereotipada.

Na análise do efeito da pertença ideológica na avaliação das frases verifica-se que os resultados obtidos permitem confirmar a hipótese, ou seja, os participantes

avaliam mais positivamente as frases que estão de acordo com a sua pertença ideológica e mais negativamente as frases cuja tendência ideológica é contrária a essa pertença.

Passo agora à análise do padrão de respostas dos participantes em função da consistência, tendência ideológica da frase e da ordem de apresentação das tarefas.

Na análise dos resultados verifica-se que a ordem das tarefas de avaliação e reconhecimento também tem um efeito significativo. Os participantes que avaliam primeiro as frases antes da tarefa de reconhecimento cometem mais erros de inclusão.

Estes resultados confirmam a hipótese 3.

Os participantes de esquerda cometem mais erros inclusivos de frases consistentes de esquerda do que de frases consistentes de direita. Os participantes de direita, contrariamente ao esperado, cometem também mais erros de inclusão de frases consistentes de esquerda do que de frases consistentes de direita.

Além disso, os participantes de direita, e contrariamente aos participantes de esquerda, cometem mais erros de inclusão de frases inconsistentes de direita do que de frases inconsistentes de esquerda, mas essa diferença só é significativa na ordem reconhecimento/avaliação.

Os resultados dos participantes de esquerda permitem confirmar a hipótese 2 mas, os participantes de direita não, ao cometerem mais erros de inclusão de frases de esquerda do que de direita....

Este facto pode dever-se a vários aspectos:

todas as frases têm como objecto o 25 de Abril (que poderá ser considerado ele próprio de esquerda por todos os participantes, independentemente da sua pertença ideológica); as próprias frases não se constituem como fortes marcadores ideológicos e a discriminação ideológica dos participantes não é muito significativa (a amostra é composta por participantes que se identificam maioritariamente com o PS e com o PSD, partidos que confinam – ou se sobrepõem? – no espectro partidário português).

Procurei ainda analisar o padrão de relações entre as variáveis Pertença Ideológica; avaliação das frases e reconhecimento.

No entanto, não foi possível estabelecer uma causalidade para as relações entre as variáveis porque os coeficientes de erro são muito elevado (superiores a 0.82), os coeficientes path geralmente muito reduzidos e confinados a poucas situações.

Em conclusão, e pese embora as limitações deste ser um trabalho exploratório, penso que me permite fazer algumas reflexões.

Os aspectos associados quer aos estímulos utilizados (textos), quer ao contexto do estudo (situação formal de inquérito) não podem deixar de merecer da minha parte uma reflexão crítica.

Os resultados do estudo 1, permitem afirmar que os textos escolhidos são os melhores mas podem não ser suficientemente discriminativos. Os factores motivacionais, contextuais e a própria natureza da tarefa podem ter influenciado os resultados.

Também o carácter ambíguo (e consensual) da informação fornecida sobre o 25 de Abril pode ter constituído mais uma dificuldade na definição de uma posição inequívoca face a essa informação. Ainda, o facto de não se ter optado pela definição de um contexto que remetesse obrigatoriamente para uma situação intergrupala (como pela explícita identificação dos textos em função da sua categoria ideológica de pertença) deixou por esclarecer qual o papel dos mecanismos de comparação social na avaliação e tratamento da informação sobre o 25 de Abril.

No entanto, confirmei a existência de esquemas políticos, na medida em que os participantes fazem atribuições da autoria dos textos a diferentes partidos políticos de forma significativamente diferente e avaliam os textos e o 25 de Abril de forma significativamente diferente em função da sua pertença ideológica. Deste modo, face a estímulos sociais, os indivíduos activam os seus esquemas políticos e constroem activamente a realidade.

Verifiquei também que a dimensão política de esquerda e direita está etiquetada de forma diversa ao nível da memória semântica dos participantes.

Encontrei, no estudo 2, efeitos significativos da Pertença Ideológica dos participantes quer na forma como estes avaliam a informação política, que no reconhecimento dessa mesma informação, bem como encontrei um efeito significativo da ordem de apresentação das tarefas.

De um modo geral, verifica-se que os participantes de esquerda executam esta tarefa mais no sentido das hipóteses apresentadas do que os participantes de direita. Este

facto por si próprio já é interessante, pois não previa diferenças significativas entre os dois grupos de participantes nas estratégias do próprio processamento da informação.

Uma explicação possível prende-se com a força e complexidade dos esquemas políticos. É provável que existam diferenças quanto à pertinência e complexidade dos esquemas políticos em função da pertença ideológica.

Aliás, o estudo de Cabral (1995) assim o sugere, quando refere a maior participação e envolvimento dos jovens de esquerda na política. Deste modo, podemos sugerir que, os participantes de esquerda utilizaram uma estratégia cognitiva mais centrada em estereótipos políticos, processando a informação numa base mais ideológica e serão mais experientes, no sentido proposto por Fiske e Kinder (1981) no processamento da informação política do que os participantes de direita.

Nos resultados relativos à avaliação do 25 de Abril, verifica-se que os participantes de direita têm uma visão menos clara do papel desempenhado pelos diferentes partidos no 25 de Abril e tem uma baixa participação nas comemorações do evento. De certo modo estes resultados poderão sugerir uma menor relevância do assunto para os participantes de direita que se revelaria também numa maior dispersão e inconsistência das suas respostas nas tarefas de avaliação e reconhecimento.

Uma das hipóteses explicativas dos resultados poderá ser o facto do próprio evento escolhido ser conotado mais com a esquerda (representações sociais dominantes?), o que pode ser esclarecido através doutros estudos.